

INTRODUÇÃO

Para que serve a escola?

Este ensaio começa com uma pergunta e corre o saudável risco de desembocar, ao final de todo seu percurso, num mar de ecos emitidos pela mesma indagação. Enquanto deslizamos velozmente a bordo deste século XXI que tantas surpresas nos tem trazido, ostentando seus feitiços tecnológicos e seu estilo de vida globalizado, será que a escola se tornou obsoleta?

É muito difícil responder a esta interrogação de modo categórico; talvez as possíveis respostas ainda sejam impronunciáveis. A finalidade destas páginas é aprofundar esse questionamento, explorando algumas de suas arestas, não com o propósito de oferecer soluções tranquilizadoras, mas para refinar sua formulação e torná-lo mais fecundo. As ferramentas de que dispomos para realizar essa tarefa não são as do especialista em educação, com as vantagens e desvantagens que isso implica. Em vez de surgir da vasta tradição pedagógica, e ainda que sem dúvida aspire a dialogar com algumas de suas vertentes, nossa análise parte de um terreno que ainda costuma ser considerado muito distante dos rituais escolares, quase seu antagonista: o dos meios de comunicação. Sobretudo em sua rutilante conjugação informática, digital e interativa, que vem se colocando em sintonia, no nível mundial, com os avanços já mais assentados da cultura audiovisual.

Tentaremos também, e com ênfase especial, lançar um olhar antropológico e genealógico sobre o problema, no intuito de detectar algumas tendências próprias de nossa era: aquela que nos impregna, ao mesmo tempo que a tecemos e cruzamos a toda a velocidade, motivando a incerteza da indagação inicial. Se ainda emudecemos ou titubeamos na hora de res-

pondê-la, ao menos este clima de época proporciona algo insólito, que deveríamos aproveitar como uma rara dádiva: ele permite pôr o presente em questão. Por nos encontrarmos de repente em uma encruzilhada, vemos como explodem as cercas erguidas a partir de velhas convicções e certezas que já não funcionam. Sermos contemporâneos não é uma tarefa isenta de riscos: se estivermos atentos aos sinais do mundo, talvez tenhamos a sorte de eles nos perturbarem a ponto de suscitarem o pensamento; mas isso só ocorrerá se conseguirmos escapar dos perigos que aparecem quando pisamos terrenos tão pantanosos sem evitar a complexidade dos fenômenos nem desprezar suas contradições. O desmoronamento em curso é doloroso e desconcertante, mas, a partir dessa abertura, a visão se expande para outras direções. Em consequência disso, os caminhos podem se multiplicar.

Por tais motivos, o foco deste ensaio não aponta somente para a escola nem para o peculiar entorno sociocultural, econômico e político que a viu nascer e se desenvolver com sua orgulhosa missão civilizadora. Além de contemplar esse marco com suma curiosidade, o estudo tende a se concentrar no contexto atual, que sem dúvida mudou bastante e em vários sentidos em relação àqueles tempos cada vez mais remotos. Com esta premissa como pano de fundo, nossa análise tem em vista um componente vital dessa maquinaria, cuja modelagem constituiu seu principal objetivo: os corpos e as subjetividades para os quais essa instituição foi criada, no momento de sua invenção e durante sua gradativa consolidação. A natureza humana não é imutável, constituída como uma entidade inalterável através das histórias e das geografias; pelo contrário, as subjetividades se constroem nas práticas cotidianas de cada cultura, e os corpos também se esculpem nesses intercâmbios. Este texto busca acompanhar os itinerários que compuseram essa trama até ela chegar à sua configuração mais atual, deten-

do-se prioritariamente nos modos de ser e estar no mundo que surgem hoje em dia, e que costumam se relacionar com a escola de modos conflitivos.

Um primeiro desdobramento da questão que nos guia pode ser o seguinte: que tipos de corpos e de subjetividades a escola tradicional produziu em seu apogeu? Essa localização histórica remete principalmente à segunda metade do século XIX e boa parte do XX, ou seja, a um denso bloco temporal durante o qual essa instituição irradiava ares de plena solvência, longe de ser acusada de obsolescência ou de estar potencialmente ultrapassada. Há outra pergunta latente nessa averiguação: por que e para que nossa sociedade — ocidental, moderna, capitalista, industrial — se propôs, naquela época, gerar esse tipo peculiar de seres humanos? Este trajeto indagatório é fundamental, mas sobretudo porque em sua meta cintilam os nós problemáticos que privilegiaremos aqui: que tipo de modos de ser e estar no mundo são criados agora, no despontar da segunda década do século XXI? Como, por que e para quê?

Avançando um pouco mais nesta aventura, surgirá a pergunta mais interessante e também mais espinhosa, cuja resposta talvez ainda deva permanecer aberta e pulsante: que tipos de corpos e subjetividades gostaríamos de forjar hoje em dia, pensando tanto no presente quanto no futuro de nossa sociedade? Uma vez definida essa sondagem tão complexa, e até no intuito de contribuir para depurá-la ou aprofundá-la, também seria preciso justificar as possíveis respostas, tornando a indagar sobre seus pontos-chave: por que e para quê? Por último, nesta tentativa de desentranhar a medula do assunto, caberia introduzir a dúvida crucial que inspirou a redação deste livro, como um disparo para novos rumos: de que tipo de escola — ou de que substituto dela — necessitamos para alcançar esse objetivo?